



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**NOVOS ARRANJOS INSTITUCIONAIS E A CRISE DO
SUBPRIME: OS BRICS**

RICARDO SILVEIRA DE AZAMBUJA

Florianópolis, 2014

RICARDO SILVEIRA DE AZAMBUJA

**NOVOS ARRANJOS INSTITUCIONAIS E A CRISE DO
SUBPRIME: OS BRICS**

Monografia submetida ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Jaime César Coelho.

Florianópolis, 2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A banca examinadora resolveu atribuir a nota 7,0 ao aluno Ricardo Silveira de Azambuja na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jaime César Coelho
Presidente

Prof. Douglas Eduardo Turatti
Membro

Prof. Dr. Marcos Alves Valente
Membro

DEDICATÓRIA

Dedico a meu pai, Ivan, in memoriam, a minha mãe, Lectícia, e as minhas filhas, Carla, Bruna, Ananda e Alícia, que me incentivaram e contribuíram para mudanças significativas em minha vida.

AGRADECIMENTO

Ao meu orientador professor Dr. Jaime César Coelho pela dedicação e apoio nesta jornada.

“Se todos fizéssemos o que somos capazes de fazer,
ficaríamos literalmente surpresos.” (Thomas Edison)

RESUMO

A crise financeira do subprime americano iniciada em 2007 globalizou-se afetando toda a economia mundial. A falta de crédito, a queda dos investimentos e a perda da atividade econômica, sentidas inicialmente nos Estados Unidos, comprometeram a economia de todas as nações desenvolvidas e, conseqüentemente, abalaram a dos demais países. A evolução dessa crise financeira, que pôs em questionamento a hegemonia dos Estados Unidos e da União Europeia como condutores dos avanços políticos e estimuladores do crescimento econômico, abriu os olhos para um consolidado grupo de países emergentes com economias em forte crescimento e grandes mercados internos que, aproando para novos rumos, soube melhor driblar a crise e, assim, sentir menos o impacto das incertezas econômicas e políticas, e cujo desempenho gerou credibilidades como impulsionadores de um novo desenvolvimento. A análise econômica dos países que compõe esse grupo, denominado BRICS, Brasil, Rússia, China e Índia, e, posteriormente, África do Sul, demonstra o quanto eles vêm se destacando no cenário mundial, tanto econômica como politicamente.

Palavras-chave: BRICS, globalização, crise financeira, economia mundial.

ABSTRACT

The American subprime financial crisis begun in 2007 globalized up affecting the whole world economy. The lack of credit, the fall of the investment and the loss of economic activity were initially felt intensely in the United States, pledged the economy negatively from developed countries and, consequently, have shaken the economies of emerging countries. The evolution of this financial crisis put in question the hegemony of the United States and European Union as manager political of advances and economic growth stimulators, opened the eyes of a consolidated Group of emerging countries heading for new directions, knew better dribble the crisis and thus feel less the impact of political and economic uncertainties, whose driving led to credibility as a new development boosters. Composed of the countries Brazil, Russia, China and India, this group emerged in the early of the century, with strong growth in economies and large domestic markets showed itself on the world stage by the acronym out-standing BRIC. By virtue of being the least-contaminated by the crisis and, also, having participated as financial channels of spreading, the BRIC became extremely important vis-à-vis other groups already consolidated. From 2011, the South Africa was incorporated into the group, now named BRICS.

Keywords: BRICS, globalization, financial crisis, global economy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - BRICS - Comércio exterior - Saldo da balança comercial (ano 2010).....	14
Gráfico 2 – Crescimento das dívidas públicas. Comparação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.....	22
Gráfico 3 - Variação PIB dos países do BRIC	25
Gráfico 4 - Balança Comercial do Brasil.	29
Gráfico 5 - Balança comercial da Rússia.	32
Gráfico 6 - Balança comercial da China	34
Gráfico 7 - Balança comercial da Índia.....	37
Gráfico 8 - Balança comercial da África do Sul.....	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANFAC	Associação Nacional das Sociedades de Fomento.
BACEN	Banco Central do Brasil.
BNDES.....	Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social.
BRIC	Grupo de países composto por Brasil, Rússia, Índia e China.
BRICS	Grupo de países composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.
EFSF.....	European Financial Stability Facility
EFSM	European Financial Stabilization Mechanism.
EU	União Europeia.
FED	Federal Reserve System
FMI	Fundo Monetário Internacional.
INESC	Instituto de Estudos Socioeconômicos
MSCI.....	Morgan Stanley Capital International.
OECD.....	The Organisation for Economic Co-operation and Development
PAEG	Plano de Ação Econômica do Governo
PIB	Produto interno bruto.
PPP	Poder de paridade de compra.
SFH	Sistema financeiro de Habitação.
SFN	Sistema Financeiro Nacional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Tema	12
1.2	Problemática.....	12
1.3	Objetivos	15
1.3.1	Objetivo geral.....	15
1.3.2	Objetivo específico	15
1.4	Metodologia	16
2	A CONCEPÇÃO DO BRIC.....	17
2.1	O conceito de BRIC.....	17
2.2	Os países emergentes	19
2.3	A ascensão dos quatro países	20
3	A CRISE GLOBAL.....	21
3.1	A crise norte-americana do subprime.	22
3.2	A crise europeia.....	23
3.3	Desafio dos países emergentes	24
4	OS BRICS ANTES E APÓS A CRISE.....	26
4.1	Brasil.....	27
4.2	Rússia.....	30
4.3	China.....	33
4.4	Índia	35
4.5	A incorporação da África do Sul.....	38
5	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema

Nos últimos anos, o mundo vivenciou uma série de eventos desastrosos que afetaram seriamente a economia dos países ricos, haja visto a crise imobiliária, que ficou conhecida como crise do subprime¹, a estagnação do crescimento americano e, mais recentemente, a continuidade da crise financeira no continente europeu. Para evitar um possível colapso mundial e arrastar o mundo para uma forte recessão, um grupo de países emergentes foi visto como possíveis impulsionadores de uma nova força global, capaz de dar uma nova motivação à economia mundial.

Os primeiros anos deste século foram marcados pelo rápido crescimento de países com dimensões populacionais e continentais consideráveis, mercado interno integrado, estrutura econômica diversificada, Produto Interno Bruto (PIB) em crescimento superior ao da média mundial, apesar de possuírem Poder de Paridade de Compra (PPP) inferior a US\$ 18 mil e desníveis sociais significativos.

Destacaram-se como países em desenvolvimento Brasil, Rússia, Índia e China, que, em 2001, após a publicação do relatório Building Better Global Economic Brics, escrito pelo economista-chefe do Goldman Sachs, Jim O'Neill, o termo BRIC, representando estes quatro países, ganhou notoriedade e se tornou uma palavra da moda nos meios de comunicação. A principal ideia contida no relatório é que os BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), em 2050, superariam em PIB os seis países atualmente mais desenvolvidos (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Inglaterra, França e Itália).

1.2 Problemática

As economias BRIC foram o destino de mais de 45% dos IDE (investimentos diretos estrangeiros) enviados aos países em desenvolvimento, recebendo mais de US\$ 330 bilhões dos US\$ 735 bilhões. Nos primeiros anos deste século, os países do BRIC duplicaram suas exportações, atingindo 14% do total mundial. É em função desse rápido avanço que os meios de comunicação e revistas especializadas destacaram que esses países desempenhariam

¹ Os *subprimes* incluíam desde empréstimos hipotecários até cartões de crédito e aluguel de carros, e eram concedidos, nos Estados Unidos, a clientes sem comprovação de renda e com histórico ruim de crédito - os chamados clientes *ninja* (do acrônimo, em inglês, *no income, no job, no assets*: sem renda, sem emprego, sem patrimônio). Essas dívidas só eram honradas, mediante sucessivas "rolagens", o que foi possível enquanto o preço dos imóveis permaneceu em alta.

importante papel num futuro próximo. Quanto às importações, os países do BRIC quintuplicaram suas compras entre 2000 e 2008, com uma representativa elevação, em termos percentuais, de 6% para 12%.

A crise hipotecária estadunidense ao afetar flagelantemente as economias tanto dos países desenvolvidos, como em desenvolvimento, trouxe à tona o termo BRIC com mais intensidade. Portanto, desde o final de 2008, foi observada a ocorrência de uma dissociação (decoupling²) do BRIC com relação às economias mais afetadas em função da crise, ou seja, esses quatro países passaram a ser vistos como os novos impulsores da economia mundial.

É relevante salientar que as estratégias espaciais das empresas, os setores selecionados para a expansão internacional e o papel do Estado são diferentes em cada uma das quatro economias mais representativas do BRIC. As empresas multinacionais brasileiras são intensivas em capital e recursos naturais, as chinesas intensivas em capital e tecnologia, as indianas com prevalência em serviços de outsourcing e de informação e as russas intensivas em recursos naturais (SAUVANT, 2005).

A multinacionalização de empresas do BRIC é um processo tanto espontâneo quanto incentivado. Índia e China estimulam o avanço de empresas no exterior, através de programas que fornecem empréstimos, relatórios sobre mercados promissores para expansão etc, promovendo inserção ativa no processo de globalização, objetivando extrair os benefícios da integração aos fluxos mundiais de capitais. No Brasil, há um programa do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que estuda as propostas de investimento das empresas brasileiras, empresta capital e exige, como contrapartida, exportações em igual valor durante um determinado tempo. A política de atração de capital externo que estimula o desenvolvimento econômico, gerando empregos e aumentando a produtividade, enfim, colheu os frutos com aumento de exportação e com a movimentação do mercado interno. Considerando esses aspectos, a inserção globalizada dos BRIC intensificou expressivamente a economia mundial.

Considerando a importância política e geopolítica, Brasil, Rússia, Índia e África do Sul dão relevância e fortalecem o grupo, mais o peso dos números absolutos de comércio exterior apresentado pela China, todos juntos dão ao BRICS elevada importância representativa nos fóruns econômicos mundiais e nas organizações multilaterais.

Em 2010, à China (incluindo Hong Kong e Macau) foram destinados US\$ 243,7 bilhões, ao Brasil, US\$ 48,5 bilhões, à Rússia, US\$ 31,7 bilhões, à Índia, US\$ 27,4 bilhões e a África do Sul US\$ 1,2 bilhões. A China foi o destino de 69,1% dos investimentos despachados ao

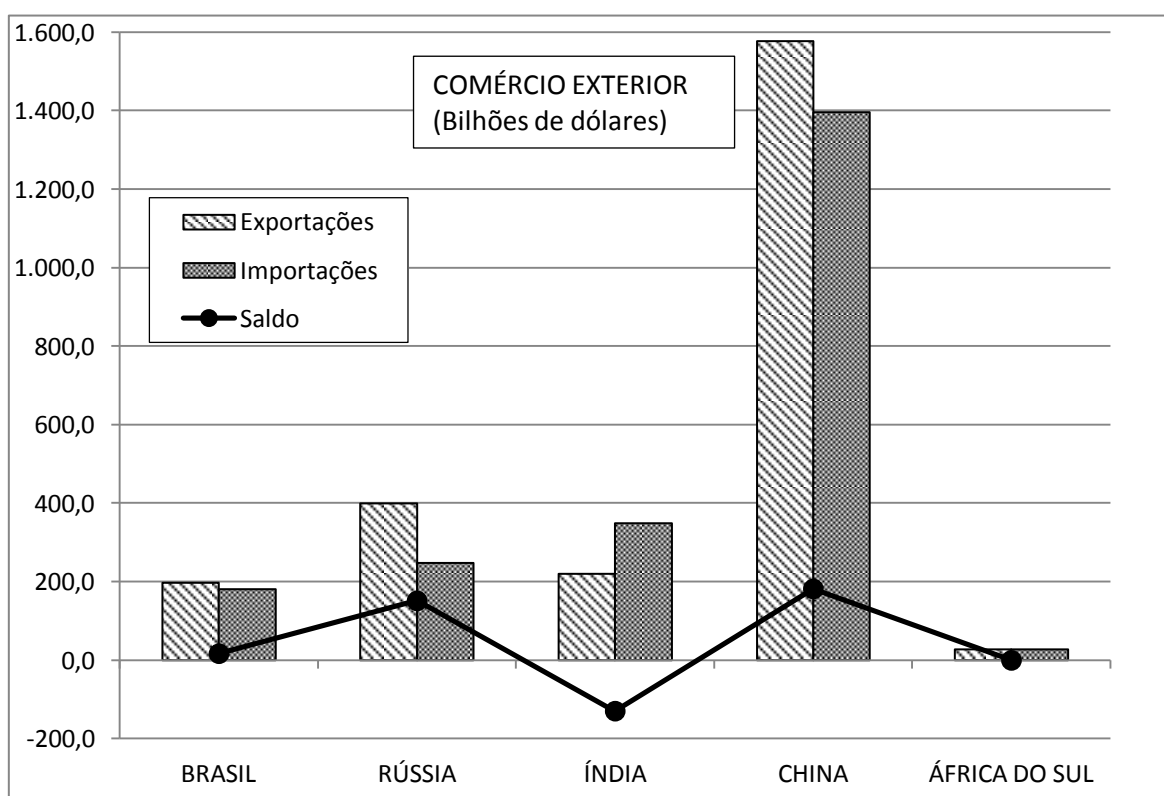
² Traduzido do Dicionário Redacional Linguae .

BRICS. Portanto, temos uma inserção assimétrica nos fluxos de investimentos tanto entre os países em desenvolvimento como entre os países do BRICS³.

Em 2010, a China exportou US\$ 1,577 trilhão, a Rússia, US\$ 400 bilhões, a Índia, US\$ 220 bilhões, o Brasil, US\$ 197 bilhões e a África do Sul US\$ 27,4 bilhões. Só a China foi reponsável por mais de 65,1% de todas as exportações do BRICS, a Rússia, 16,5%, a Índia, 9,1%, o Brasil 8,1% e a África do Sul 1,1%.⁴

No mesmo ano, a China importou US\$ 1,396 trilhão (63,4%), a Índia, US\$ 350 bilhões (15,9%), a Rússia, US\$ 248 bilhões (11,3%), o Brasil, US\$ 180 bilhões (8,2%) e a África do Sul US\$ 27,6 bilhões (1,3%).⁵

Gráfico 1 - BRICS - Comércio exterior - Saldo da balança comercial (ano 2010).



Fonte: Profiles key Tables from OECD 2013

Se a China for desconsiderada, os dados de importação e exportação entre os demais membros do BRICS são muito pequenos com relação aos valores totais de suas trocas. A China é, pois, no aspecto econômico, quem dá sentido e dinamismo ao grupo.

³ Contry Statistical Profiles: Key tables from OECD – OECD 2013.

⁴ Idem – OECD 2013.

⁵ Idem – OECD 2013.

Por trás desse avanço da China no cenário internacional e do discurso de que é um modelo para os demais países em desenvolvimento, é importante perceber que novas relações de dependência e de trocas desiguais têm surgido, haja vista que as exportações do BRICS à China são, sobretudo, de grãos, de minérios e de recursos energéticos. Essas matérias-primas, inclusive, já estão sendo adquiridas mediante a expansão de empresas chinesas na África e na América Latina.

Apesar da concentração dos fluxos nos países desenvolvidos, notamos que os países BRICS aumentaram a intensidade de inserção na economia mundial. A maior integração internacional, porém, longe de reduzir as desigualdades materiais entre os países, é marcada por novas assimetrias e novas relações de dependência.

Hoje, com a economia global apresentando sinais de recuperação, principalmente nos EUA, as economias dos demais países começam a dar mostras de uma certa recuperação econômica. A importância assumida pelo BRICS nos fluxos mundiais, principalmente durante a crise de 2008, aumentou suas possibilidades de diminuição da submissão aos interesses e pressões dos países desenvolvidos. As ligações materiais entre os países do Sul abriram novas perspectivas para o fortalecimento Sul-Sul e a relativização Norte-Sul, quanto às compras de títulos de países do próprio Sul e diminuição dos poderes de imposição de instituições multilaterais, ao aumento do poder de barganha nas rodadas comerciais. A continuidade dessa trajetória, porém, dependerá das escolhas políticas e econômicas de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Analisar a economia dos países do BRICS e suas características específicas no cenário global pós-crise de 2008.

1.3.2 Objetivo específico

Fazer um levantamento dos dados econômicos dos países membros do BRICS, nos últimos anos, através de pesquisa de dados na internet e da leitura de bibliografias sobre o tema.

Com as informações obtidas, comparar as características econômicas dos países que compõem o BRICS.

Pesquisar, através de leitura, as semelhanças e diferenças de estratégias e políticas econômicas entre os países do BRICS.

Apresentar, com dados e gráficos, como as economias do BRICS reagiram à crise econômica de 2008, como desempenharam papéis de destaque na geoeconomia mundial e analisar as suas perspectivas futuras.

1.4 Metodologia

A metodologia aplicada no desenvolvimento deste trabalho acadêmico será baseada na pesquisa bibliográfica. Ela abrangerá estudos realizados em livros e na rede mundial de computadores, entre outros, com importantes levantamentos em dados originais. Após a composição do referencial teórico e de posse dos dados recolhidos, será efetuado um estudo a fim de se apropriar das informações necessárias para a elaboração da análise do tema e concluir o questionamento posto como problemática. A análise proposta se afastará da abordagem dedutivista, privilegiando a histórica e colocando a possibilidade de responder a questões que viabilizam cenários prospectivos.

Como exposto na introdução da problemática, as questões sobre o desempenho das economias do BRICS e a caracterização do sistema econômico internacional são pesquisadas com um enfoque nos processos reais de mudança, levando em conta a relação de mútua dependência entre estruturas e práticas, entre estados e empresas, de um lado, e, de outro, as ações visando reforçá-las ou transformá-las. A estrutura não determina estritamente a ação e a lógica sistêmica não explica de modo cabal as estratégias. E, dada a posição do BRICS como novo ator econômico, a sobreposição entre análise estrutural e análise estratégica é uma opção de pesquisa que se impõe.

2 A CONCEPÇÃO DO BRIC

A ideia dos BRIC foi formulada pelo economista-chefe da Goldman Sachs, Jim O'Neil, em estudo de 2001, intitulado “Building Better Global Economic BRIC”. Fixou-se como categoria da análise nos meios econômico-financeiros, empresariais, acadêmicos e de comunicação. Pautada em características semelhantes como: Economia estabilizada, população economicamente ativa elevada, PIB em crescimento, recursos naturais abundantes, produção, comércio exterior em desenvolvimento e investimentos externos ascendentes nos diversos setores da economia. Analiticamente, o Relatório da Goldman Sachs em 2001 apresentou países que economicamente por volta de 2050 poderiam ultrapassar as atuais principais economias dos Estados Unidos, Japão e União Europeia.

2.1 O conceito de BRIC

A formalização do grupo BRIC ocorreu durante a 61ª. Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em 23 de setembro de 2006, com os Ministros das Relações Exteriores. O conceito BRIC deu origem a um agrupamento incorporado à política externa de Brasil, Rússia, Índia e China. Apesar do peso econômico dos BRIC ser considerável, vários críticos em suas análises afirmaram que a ideia de unir quatro países tão diferentes entre si não chegariam a um consenso, não obstante, ao crescimento entre 2003 e 2007 dos quatro países representando 65% da expansão do PIB mundial, O'Neil justifica:

Se eu não tivesse sido o primeiro a usar esse termo, provavelmente diria o mesmo. Mas o estudo do BRIC e, de longe, o mais popular sobre os fatores econômicos globais já publicado. Um grande número de pessoas subestima e não entende que, mesmo sendo muito diferentes entre si, os países do BRIC possuem populações bem grandes, e o mais importante em termos de crescimento é ter uma extensa população economicamente ativa e boa produtividade. Essas são as principais variáveis que utilizamos no cálculo dos BRIC. O Brasil possui a segunda melhor demografia dos BRIC. A China e a Rússia têm uma demografia ruim. Entre hoje e 2050, a população economicamente ativa da Rússia vai diminuir 25%. Na China, em dez anos, também cairá. No Brasil, ela continuará a crescer. Isso é um ponto muito importante. (O'Neill, 2007)

Até 2006, os BRIC não estavam reunidos num mecanismo que possibilitava uma interação entre eles. Apenas conceitualmente expressava a existência de quatro países que, apesar das divergências, individualmente tinham características que lhes permitiam ser considerados em conjunto, mas não como um mecanismo. Isso mudou a partir de 2006. A formalização na Assembleia Geral das Nações Unidas constituiu o primeiro passo para que Brasil, Rússia,

Índia e China começassem a trabalhar coletivamente. Em 2011, a África do Sul foi incluída no grupo, passando a denominar-se BRICS.

Como agrupamento, o BRICS tem um caráter informal. Não tem um documento constitutivo, não funciona com um secretariado fixo, nem tem fundos destinados a financiar qualquer de suas atividades. Em última análise, o que sustenta o mecanismo é a vontade política de seus membros. Ainda assim, o BRICS tem um grau de institucionalização que se vai definindo à medida que os cinco países intensificam sua interação.

Etapa importante para aprofundar a institucionalização vertical do BRIC foi a elevação do nível de interação política que, desde junho 2009, com a Cúpula de Ecaterimburgo, alcançou o nível de Chefes de Estado/Governo. A II Cúpula, realizada em Brasília, em 15 de abril de 2010, levou adiante esse processo. A III Cúpula ocorreu em Sanya, na China, em 14 de abril de 2011, e demonstrou que a vontade política de dar seguimento à interlocução dos países continua presente até o nível decisório mais alto. A III Cúpula reforçou a posição do BRIC como espaço de diálogo e concertação no cenário internacional. Ademais, ampliou a voz dos países-membros sobre temas da agenda global, em particular os econômico-financeiros, e deu impulso político para a identificação e o desenvolvimento de projetos conjuntos específicos, em setores estratégicos como o agrícola, o de energia e o científico-tecnológico.

Até meados de 2011, a África do Sul não pertencia ao grupo em virtude de seu dimensionamento econômico não ser compatível com os demais membros. Finalmente, após o Natal de 2011, considerando que a África do Sul é a maior economia do continente africano, o governo chinês notificou formalmente ao governo sul-africano sua aceitação no grupo.

Após o ingresso da África do Sul, pode-se dizer que, então, em paralelo ao conceito “BRIC” passou a existir um grupo que passava a atuar no cenário internacional, como BRICS (com "s" maiúsculo ao final). A IV Cúpula foi realizada em 29 de março de 2012, em Nova Délhi. A V Cúpula foi realizada em Durban, na África do Sul, em 27 de março de 2013.

Além da institucionalização vertical, o BRICS também se abriu para uma institucionalização horizontal, ao incluir em seu escopo diversas frentes de atuação. A mais desenvolvida, fazendo jus à origem do grupo, é a econômico-financeira. Ministros encarregados da área de finanças e presidentes dos Bancos Centrais têm-se reunido com frequência. Os altos funcionários responsáveis por temas de segurança do BRICS já se reuniram duas vezes. Os temas segurança alimentar, agricultura e energia também já foram tratados no âmbito do agrupamento, em nível ministerial. As Cortes Supremas assinaram documento de cooperação e, com base nele, foi realizado, no Brasil, curso para magistrados dos BRICS. Já se realizaram, ademais, eventos buscando a aproximação entre acadêmicos, empresários,

representantes de cooperativas. Foram, ainda, assinados acordos entre os bancos de desenvolvimento. Os institutos estatísticos também se encontraram em preparação para a II e a III Cúpulas e publicaram uma coletânea de dados.

Em síntese, o BRICS abre para seus cinco membros espaço para (a) diálogo, identificação de convergências e concertação em relação a diversos temas; e (b) ampliação de contatos e cooperação em setores específicos.

2.2 Os países emergentes

Há décadas, vários países eram classificados como de terceiro mundo, posteriormente passaram a ser chamados de 'em desenvolvimento' e, por fim, essa expressão foi substituída por países emergentes.

Por que países do Terceiro Mundo? No período entre os anos de 1945 até 1989, conhecido como anos da Guerra Fria, existiam dois blocos de países. O primeiro, autodenominado de Primeiro Mundo, constituído por nações capitalistas, era composto por Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental, Japão e Austrália. O Segundo Mundo era composto pelos socialistas: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, China, Coreia do Norte e Cuba. As demais nações, pertencentes ao Terceiro Mundo, ficaram como neutras, por não terem uma definição de relacionamento por qualquer um dos dois blocos. Nele se enquadravam os países da América Latina, do Continente Africano e parte da Ásia.

As condições classificatórias para um país ser considerado emergente passaram a ser: possuir um elevado potencial para redirecionar várias perspectivas na área de mercado, política, social e crescimento, com máxima contribuição para as relações econômicas globalizadas com o exterior. Todos os países que se apresentam dentro deste processo evolutivo de globalização são considerados emergentes. Em particular, temos os quatro países, Brasil, Rússia, China e Índia, que em conjunção formaram um grupo designado pela sigla BRIC.

O PIB dos BRICS já supera hoje o dos EUA ou o da União Europeia. Para dar uma ideia do ritmo de crescimento desses países, em 2003 os BRIC respondiam por 9% do PIB mundial e, em 2009, esse valor aumentou para 14%. Em 2010, o PIB conjunto dos cinco países (incluindo a África do Sul) totalizou US\$ 11 trilhões, ou 18% da economia mundial. Considerando o PIB pela paridade de poder de compra, esse índice é ainda maior: US\$ 19 trilhões, ou 25%.

PIB dos países BRICS (Fonte: Banco Mundial):

- China: US\$ 9,24 trilhões (2013)

- Brasil: US\$ 2,25 trilhões (2013)
- Rússia: US\$ 2,09 trilhões (2013)
- Índia: US\$ 1,88 trilhões (2013)
- África do Sul: US\$ 350,6 bilhões (2013)

2.3 A ascensão dos quatro países

Embora o BRIC seja considerado um grupo de países emergentes, o próprio criador mudou esse conceito. Brasil, Rússia, Índia e China já estão concentrados em outros patamares que não no emergente. O mercado deles se diferencia, e muito, em relação a outros que estão na condição de “se reestruturando”. De acordo com dados de 2013, do Banco Mundial, esses quatro países já estão entre as dez maiores economias do mundo. O Brasil ocupa o lugar de sétima economia, perdendo apenas para grandes como Estados Unidos, China, Japão, Alemanha, França e Reino Unido. A China é a segunda maior economia mundial, a Rússia é a oitava e a Índia, a décima.

As pesquisas indicam a ascensão dessas nações. Alguns economistas dizem que os BRIC se tornarão grandes potências e superarão as que hoje estão liderando a economia mundial. Existem grandes expectativas quanto a isso. O G7, um grupo composto pelos sete países mais ricos do mundo, corre o risco de ser superado pelo BRIC até 2020. O topo dessa hierarquia do Grupo dos Sete, a saber, são os Estados Unidos, com o Produto Interno Bruto (PIB) de mais de 16 trilhões de dólares.

3 A CRISE GLOBAL

Lidamos com o potencial de uma colisão entre uma crise financeira do século XXI e um choque do petróleo ao estilo do ocorrido na década de 70. Seria como se uma tempestade perfeita atingisse o mundo. (JOHNSON, 2007).

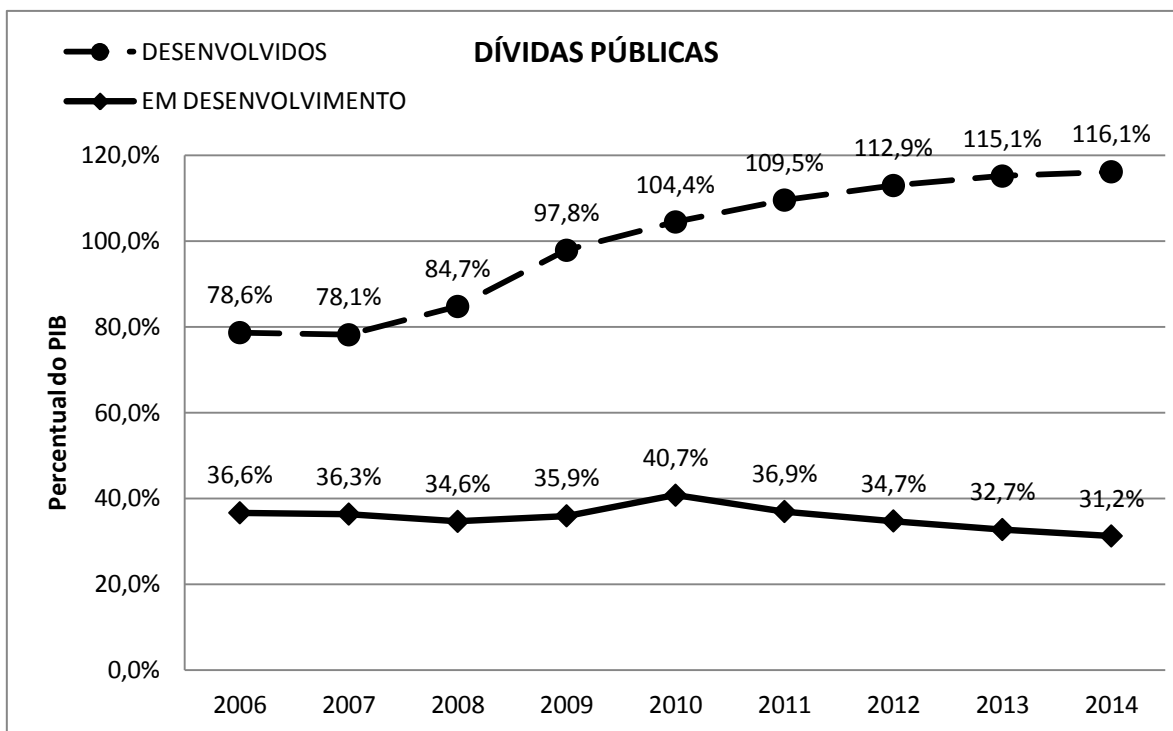
O atual sistema financeiro incorpora a função central de originador de bens fungíveis na economia mundial pelo mercado especulativo e conta com a fraca legislação para funcionamento. Esta facilidade tem contribuído para a ampliação da oferta de crédito sempre que a economia está acumulando rendimentos. Essa economia acumulada, para produzir lucro, necessita de mobilização e, geralmente, é negociada por agentes que promovem a intermediação financeira. O processo entra em colapso quando o volume negociado é superior a capacidade do banco para cobrir os ativos negociados, causando a perda do valor dos bens, acarretando a corrida para as suas vendas.

“Tempestade perfeita” é o título de um livro e também de um filme que relata uma conjunção de fatores climáticos ocorridos em 1991, que provocaram uma violenta tempestade resultando em mortes e um estrago em cerca de duzentos milhões de dólares. Tal expressão ficou assim conhecida na língua inglesa coloquial significando ocorrências com desastrosas combinações de diferentes fatores. Foi usando esta expressão que Simon Johnson, ex-economista chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), em novembro de 2007, definiu enfaticamente a tragédia que viria abalar a economia mundial, tendo em vista o visível perigo da crise americana se aprofundar no abismo financeiro.

A crise propagada suscitou uma grande apreensão com a volatilidade financeira e a opinião de que os mercados de ativos financeiros devem ser regulamentados e controlados. No mundo globalizado, os mercados financeiros estão se expandindo e movimentando-se no sentido da desregulamentação, com mais liberdade para os fluxos financeiros. Evidentemente, o equilíbrio do sistema financeiro, embora enfraquecido pelo crescimento generalizado, era visto com otimismo e dificilmente se preocuparia com a ideia da regulamentação. A crise mostrou que expandir sem controlar as negociações de derivativos e demais modalidades de ativos financeiros não caracteriza um recuo no processo da globalização. Entretanto, a crise financeira refletida na economia mundial, incapacitando muitos bancos de saldar os compromissos com os investidores devido perda da atividade econômica, teve como solução imediata a injeção de recursos oriundos das reservas monetárias federais, numa operação de transformação das dívidas privadas em dívidas públicas, evidenciando a importância das relações entre bancos e o sistema financeiro e econômico do país. Porém, essas operações de

desprivatização das dívidas serviram para aumentar o volume das dívidas internas dos países. No gráfico abaixo podemos notar uma elevação das dívidas públicas dos países mais afetados pela crise.

Gráfico 2 – Crescimento das dívidas públicas. Comparação entre países desenvolvidos⁶ e em desenvolvimento⁷.



Fonte: IMF, Fiscal Monitor: Addressing Fiscal Challenges to reduce Economic Risk.

Em resposta à essa escalada de gastos públicos, diversos governos anunciaram medidas de austeridade em busca de uma redução da dívida no curto prazo. Dentre elas, as mais comuns preveem aumentos nos impostos (inclusive para desempregados), redução dos salários e das ajudas sociais, demissão de funcionários públicos e congelamento ou cortes previdenciários. Os impactos da crise e das políticas de austeridade vêm sendo traduzidos na derrota eleitoral de partidos da situação em diversos estados europeus.

3.1 A crise norte-americana do subprime.

As famílias americanas já vinham se endividando ao longo dos anos de 1990. A partir de 1995, o mercado imobiliário voltou se expandir, assim como o endividamento - crédito ao

⁶ Países desenvolvidos: Alemanha, Áustria, Canadá, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

⁷ Países em desenvolvimento: África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Brasil, China, Índia, Indonésia, México, Rússia e Turquia.

consumidor e hipotecas. Com a crise de 2000-2001 do mercado de ações, o mercado imobiliário ganhou estímulos e expandiu-se com maior intensidade. Com a expansão de ofertas, com juros baixos e créditos facilitados, era comum nos Estados Unidos famílias hipotecarem mais de uma vez seus imóveis. Faziam um novo financiamento de sua casa sem quitar a hipoteca inicial, gastando o dinheiro na compra de bens de consumo. As famílias, já endividadas, elevaram a contratação de empréstimos, adquirindo novas linhas de crédito. A partir de 2003, com a intensificação da valorização dos imóveis e esgotamento dos clientes tradicionais, o crédito foi facilitado para as famílias e indivíduos sem histórico de crédito ou com histórico ruim, sem emprego e sem renda – o subprime.

A situação tornou-se nevrálgica quando o Federal Reserve System (FED⁸) elevou a taxa básica de juros, conseqüentemente subindo o valor das prestações das dívidas, cujo resultado foi uma geral inadimplência. O calote gerou no mercado financeiro um efeito em cascata porque, para captar maiores retornos, os bancos utilizaram os títulos das hipotecas como lastros e ofertados a outros bancos e incluindo investidores de outros países da Ásia e Europa, dependendo dos recursos oriundos das prestações dentro das datas dos vencimentos previstos. Com baixa entrada de recursos financeiros, os investidores deixaram de receber o dinheiro aplicado nos fundos, alastrando os prejuízos por todos os bancos com créditos duvidosos atrelados ao subprime.

Apesar de os Bancos Centrais dos países com sistemas financeiros abalados haverem intercedido nos bancos afetados e injetado recursos, a falência do Banco Lehman Brothers agravou significativamente a crise.

3.2 A crise europeia.

Em 2007, quando a falência do Banco Lehman Brothers⁹ atingiu magnitudes muito volumosas, arrastou consigo a economia mundial e abalou especialmente as dívidas soberanas europeias. Embora o ponto de concentração da crise estivesse nos Estados Unidos, ocorreu a contaminação do sistema financeiro europeu¹⁰ que, apesar da boa valorização da moeda Euro, já se encontrava debilitado devido a um desequilíbrio interno por conta da moeda única. Tão

⁸ O Federal Reserve System corresponde a um sistema integrado que funciona, em termos de funções desempenhadas, como o Banco Central dos Estados Unidos da América. O sistema foi criado no dia 23 de dezembro de 1913 através da deliberação que ficou conhecida como Act of Congress, e é composto por um Conselho de Governadores (Board of Governors), constituído por sete membros e com sede em Washington D.C., e por 12 bancos (Reserve Banks).

⁹ Lehman Brothers era o quarto maior banco de investimentos imobiliários dos Estados Unidos.

¹⁰ Embora o centro da crise fosse na zona do Euro, houve o alastramento pelos demais países da União Europeia.

logo os detentores de títulos do mercado norte-americano correram aos bancos para trocá-los por papel moeda o mesmo ocorreu nos bancos europeus, atingindo-os igualmente. Um exemplo desse fato ocorreu ainda em 2007, quando o maior banco francês, o BNP-Paribas, suspendeu os resgates dos três grandes fundos imobiliários sob sua administração¹¹. Em reação a esses acontecimentos, os investidores internacionais, inicialmente, se apressaram em desfazer suas posições em créditos hipotecários, chegando a afetar o funcionamento de vários mercados. Com condições financeiras abaladas e apesar das injeções de liquidez com recursos federais nos bancos europeus, as negociações entre os bancos permaneceram suspensas e evitaram empréstimos entre eles, optando preferencialmente pela liquidez.

Agravados pela crise financeira, os países da Zona do Euro mais endividados, abalados pela insuficiência de liquidez e com incapacidade de conduzir suas políticas monetárias necessárias a superar o próprio déficit público, chegaram a aventar pela extinção do Euro. Com a finalidade de suavizar os conflitos gerados pela crise e trabalhando em acordo com o FMI, os dirigentes da União Europeia decidiram pela criação do Fundo Europeu de Estabilização Financeira (EFSF), como parte das iniciativas para a estabilidade fiscal composto por recursos provenientes dos membros do European Financial Stabilization Mechanism (EFSM), do FMI e do próprio Fundo da EU.

Mesmo com os avanços fiscais em vários países, permanecem expressivos desafios políticos nas economias avançadas, nas emergentes e de baixa renda que devem ser solucionados para minimizar os riscos de recessão. Alguns necessitam de grandes ajustes para evitar os riscos relativos aos rácios de dívidas elevadas. Contudo, muitas economias emergentes precisam fazer progressos mais rápidos em fortalecer fundamentos fiscais frente a fatores cíclicos ou as repercussões das economias avançadas voltarem contra eles. Países de baixa renda também precisam se reconstruir, ao abordar as necessidades de gastos.

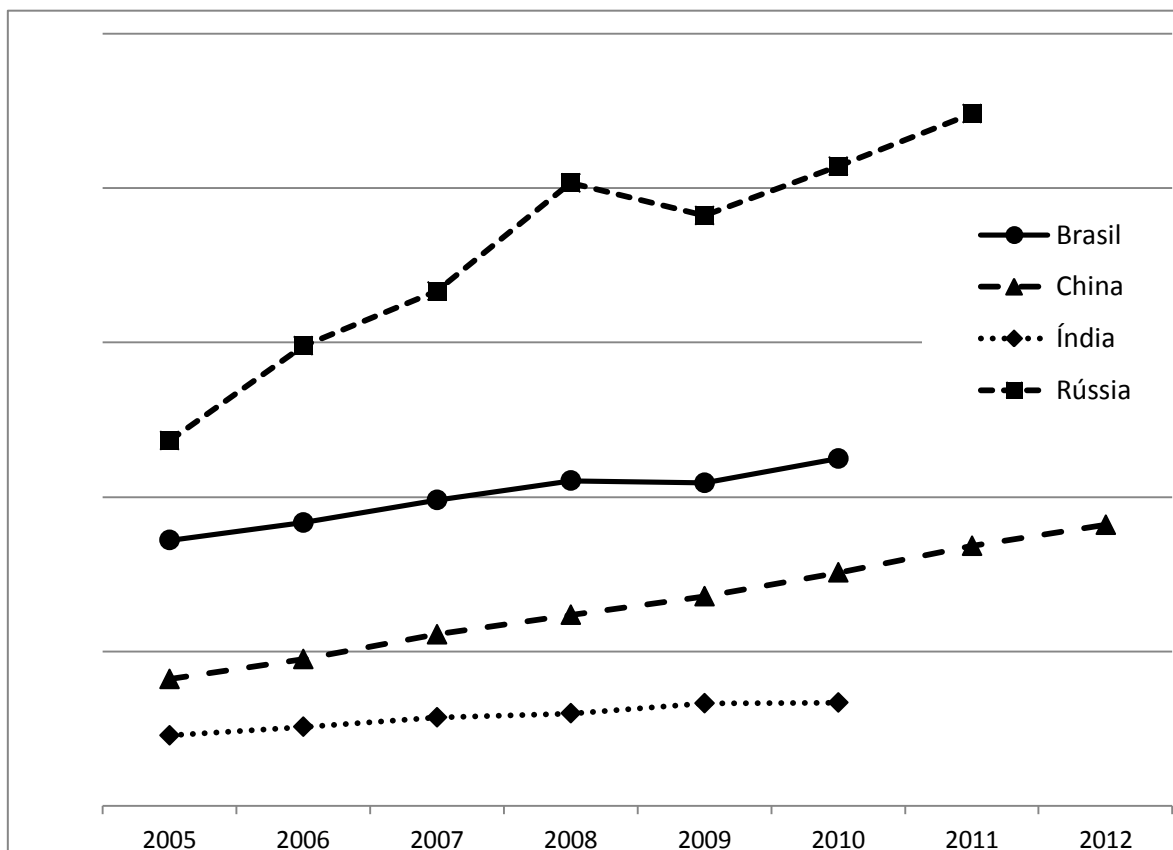
3.3 Desafio dos países emergentes

Nos países do grupo BRIC, a crise internacional se revelou de forma não sincronizada e diferente intensidade, como foi notada na Índia, que teve seu PIB desacelerado em 2008, meses antes de ser atingido pela onda da crise, dificultando estabelecer o momento do contágio. O PIB da China, país com crescimento econômico mais acentuado, iniciou a desaceleração em 2007, coincidindo com o estouro da bolha. No caso da Rússia, o PIB deixou de crescer no início de 2008, quando começou a recuar. No primeiro trimestre de 2009, a

¹¹ Invest Dynamic ABS, BNP Paribas ABS Euribor e BNP Paribas ABS Eonia.

queda de 9,8% do PIB – frente ao mesmo período do ano anterior – mostrou que a economia russa foi a mais afetada pela crise. Já o PIB brasileiro, contrastando com os comportamentos dos PIB dos demais países dos BRIC, percorreu uma trajetória de aceleração desde o terceiro trimestre de 2006 até o terceiro trimestre de 2008, só revertendo esse movimento no último trimestre do ano.

Gráfico 3 – Variação PIB dos países do BRIC



Fonte: Country statistical profiles: key tables from OECD – OECD 2013.

4 OS BRICS ANTES E APÓS A CRISE

O G8, as sete economias mais ricas do mundo mais a Rússia, enfrenta o maior problema de legitimidade de todos os grupos no atual sistema de governança global. Suas decisões foram questionadas pela sociedade civil e pelos governos que não faziam parte do clube. Na medida em que o poder econômico da China, Índia e Brasil e outras “economias emergentes” aumentou, os membros do G8 perceberam que não poderiam mais ignorar estes países. Embora esta informação tenha ido a público em 2005, as “economias emergentes” somente foram convidadas em 2007 para a 33ª Cúpula do G8 em Heiligendamm, Alemanha. Índia, China, Brasil, África do Sul e México se juntaram ao assim chamado processo de extensão do G8+5 com ceticismo. Tal dinâmica incluiu uma série de encontros de ministros do Meio Ambiente (Grupo Carnegie) e ministros da Ciência (Diálogo de Gleneagles) com resultados bastante esporádicos. O G8 +5 nunca se tornou um G13. O O5 (“Outreach Five” - China, Índia, Brasil, México e África do Sul) só foi convidado para se juntar a partes designadas da cúpula. Assim, divisões entre os dois grupos permaneceram. Dessa forma, a seleção dos países da extensão era artificial. Os resultados do processo eram programas marginais, esporádicos, sem nenhum fundo adicional importante.

A crise econômica global de 2008, por sua vez, foi um problema concreto e urgente que deixou claro que o G8 não seria capaz de resolvê-lo sozinho. O momento exigia soluções que incluíssem as economias emergentes. A crise reavivou o processo do G20, no qual o Brasil se tornou um membro ativo. A reunião no G20 de ministros das Finanças e banqueiros centrais, em 2008, em São Paulo, conta como um dos mais significativos dentro de uma série de “encontros inoperantes.” O próprio presidente Lula falou no fórum, garantindo as promessas do G8 de uma maior regulação financeira. Ele pediu por uma maior participação das economias emergentes, pela inclusão social e pela redução da pobreza. Em um discurso anterior, Lula provocou seus aliados no Norte, quando disse a Gordon Brown que “banqueiros brancos de olhos azuis” deveriam ser culpados pela crise que agora afetava principalmente os povos negros e indígenas¹². No entanto, ele assumiu a liderança e levou o processo até o recém-criado grupo BRICS. De acordo com o ranking de desempenho do G20, o Brasil, dentro do grupo, é um dos que têm o melhor desempenho entre as economias emergentes,

¹² Ver The Guardian, “Blue-eyed Bankers’ to Blame for Crash, Lula tells Brown, Brasília,” 26 de março de 2009, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2009/mar/26/lulaattacks-white-bankers-crash>.

com um cumprimento de 72%, especialmente no que diz respeito às alterações climáticas, à energia e à macroeconomia¹³.

O Relatório Global de Competitividade que é elaborado pelo Fórum Econômico Mundial, com participação de instituições e pesquisadores independentes, caracteriza-se pela confiabilidade das informações nele contidas, cujo detalhamento compreende as forças e fraquezas das economias nacionais dos países, é tido como o vade-mécum da economia e plenamente utilizado por governantes, instituições e líderes de negócios. É um detalhamento dos dados e indicadores de desempenho comparativo entre os países e tem como objetivo estimar a evolução econômica projetada para oito anos subsequentes.

Os resultados contidos nesse Relatório mostram que os países do BRICS vêm passando por transformações não somente nas necessidades básicas dos cidadãos onde carecem de transformações melhor elaboradas, principalmente na infraestrutura, na economia, na estabilidade política e, sobretudo, na saúde e na educação.

4.1 Brasil

O Brasil, a partir da última década do século vinte, graças a um crescimento mais consistente que na década de 1980 e praticando políticas macroeconômicas estáveis, conseguiu projeções junto as mais desenvolvidas economias do mundo. As manutenções destes ganhos, mais recentemente, apoiadas por estímulo macroeconômico, incentivaram a expansão do setor desenvolvimentista de produção e competitividade, elevou a demanda e reduziu as restrições da oferta. A inflação, sob controle, manteve-se flutuando abaixo da faixa de tolerância, e a credibilidade da política monetária foi beneficiada com os frutos.

De acordo com a avaliação do Sistema Bretton Woods, a classificação do Brasil mudou de país endividado em desenvolvimento para a de potência emergente proativa. Foi uma mudança progressiva ocorrida em conjunto com as estruturas políticas e econômicas. Com políticas bem sucedidas para espalhar os benefícios do crescimento econômico mais amplamente, reduziram substancialmente a desigualdade de renda e da pobreza. Maior acesso à educação permitiu que mais brasileiros galgassem um melhor patamar profissional e, conseqüentemente, melhor remuneração. Embora em maior número de oferta escolar, a qualidade da educação não manteve o ritmo com a impressionante expansão do sistema por

¹³ O grupo de pesquisa do G20 avalia o desempenho de cada membro com os acordos de cada conferência de cúpula. Os dados mais recentes vêm da Cúpula de Seul, em 2010: o Brasil ocupa o 12º lugar, juntamente com a Índia e a China, ver: <http://www.g20.utoronto.ca/compliance/2010seoul-final/index.html>.

deficiências existentes nas infraestruturas das escolas, permanecendo baixa a taxa de qualificação necessária para suprir as indústrias.

Aspectos do Brasil antes da crise econômica global (Fonte: Banco Mundial/2006):

- Extensão 8.500.00km².
- População 190.000.000 habitantes.
- Crescimento anual4,00%.
- PIB US\$ 1.089 trilhão

Como potencial o Brasil dispunha de:

- Indústria diversificada.
- Mercado financeiro avançado.
- Estabilidade macroeconômica.
- Maior exportador de minérios e alimentos.

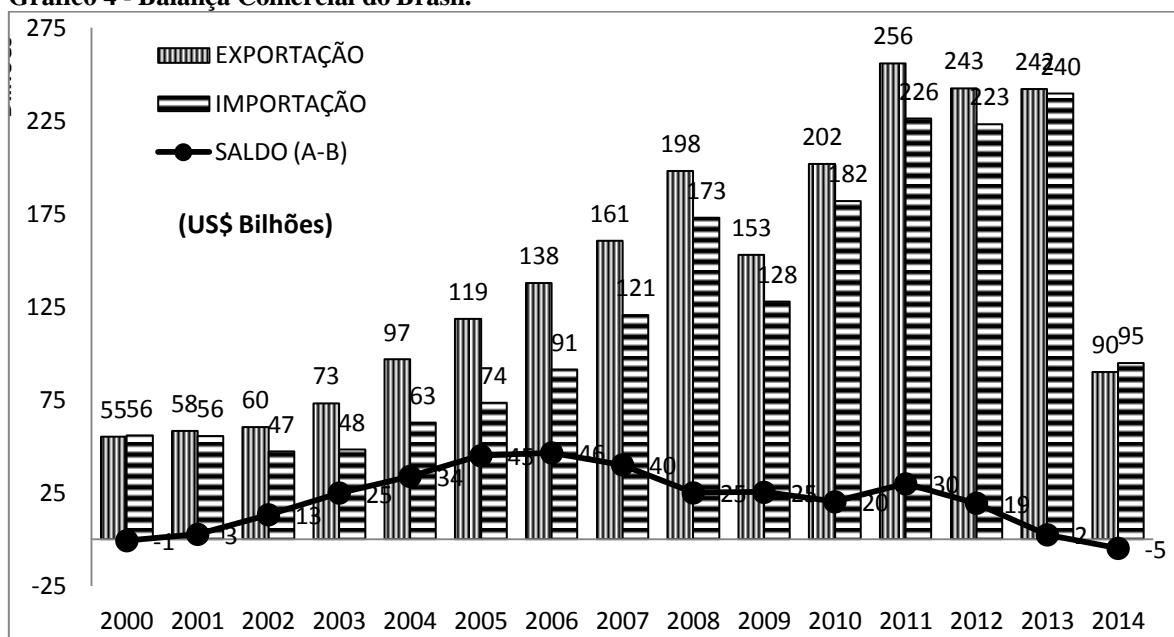
Como fraquezas são apontadas os seguintes fatores:

- Tributação e burocracia elevadas.
- Gastos públicos excessivos.
- Infraestrutura precária.
- Ensino deficiente.

A partir de 2003, o governo federal diversificou as relações exteriores com a adoção de novas abordagens diplomáticas, deixando de lado o sistema unipolar e começou a praticar abordagens fundamentadas no multilateralismo. Ao invés de se concentrar nos Estados Unidos e na União Europeia, dedicou-se a uma cooperação Sul-Sul como parte de uma evolução comercial entre os demais países em desenvolvimento.

O Brasil teve um crescimento constante de seu PIB de 2004 a 2008, de US\$ 663 bilhões a US\$ 1,6 trilhões, mantendo-se em 2009 com o mesmo PIB de 2008, mas voltando a crescer a partir de 2010. Suas exportações cresceram até 2008, tendo queda em 2009, mas retornando ao mesmo patamar de 2008 em 2010, mas o saldo da balança comercial já vinha decrescendo desde 2007, antes do início da crise.

Gráfico 4 - Balança Comercial do Brasil.



Fonte: Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014)

A crise global acentuou as deficiências na produtividade e o custo competitividade se tornou oneroso. Essas restrições passaram a ser cada vez mais impeditivas ao crescimento, pressionado pelos gargalos de infraestrutura e pelo peso da elevada carga de impostos, devido às características do sistema tributário exasperadamente oneroso e fragmentado. A oferta de mão-de-obra especializada manteve-se escassa pela baixa qualificação e, em contrapartida, a competitividade no mercado de trabalho que já era apertada resultou em aumentos salariais fortes. Embora a facilidade ao crédito tenha aumentado e dilatados os prazos para financiamentos, permaneceu a escassez dos investimentos nas indústrias por falta de participação dos setores privados em virtude do forte apoio financeiro dado pelo banco nacional de desenvolvimento, que domina a concessão de empréstimos em longo prazo.

O Brasil é um grande produtor e exportador de commodities. As principais commodities produzidas e exportadas por nosso país são: petróleo, café, suco de laranja, minério de ferro, soja e alumínio. Se por um lado o país se beneficia do comércio destas mercadorias, por outro o torna dependente dos preços estabelecidos internacionalmente.

O setor de energia tem tido substanciais progressos nas fontes renováveis e no uso sustentável dos recursos naturais. Um ingrediente-chave desta estratégia é o etanol, mas a política de preços praticada pela agência governamental, tabelando a gasolina na empresa estatal de petróleo a um preço abaixo do custo de importação, tem prejudicado a indústria do etanol. As emissões de carbono diminuíram e o desmatamento também diminuiu, embora seu ritmo atual ainda implique na destruição das florestas.

A participação do Brasil no comércio internacional e a sua integração nas cadeias globais de produção ficaram abaixo do que seria esperado de uma economia sofisticada e em expansão como a brasileira, mesmo com a proteção dada aos produtores nacionais em detrimento da concorrência estrangeira.

Para o Brasil, participar do BRICS seguramente incrementa sua força relativa própria nas discursões internacionais, melhora sua imagem no mundo e ajuda a expandir sua possível influência para além da América do Sul. Pode também vir a ser um caminho para o país se articular com a China na competição que as duas nações mantém na disputa de influência econômica e política na África. (SILVA, 2012)

4.2 Rússia

O “grande poder” é realidade e é também um sonho. Quando os czares estenderam suas fronteiras e colocaram a fundação sobre um vasto território, no início do Século XX ainda não se cogitava que a indústria petrolífera passaria a ser o principal pilar de sustentação da atual economia russa. Quando a União Soviética e os Estados Unidos competiram militar e industrialmente, ninguém imaginaria que tudo isso se tornaria base para a poderosa atmosfera da diplomacia russa. No entanto, a Rússia também tem seus problemas pendentes: a agroindústria pouco desenvolvida e a dependência de lideranças fortes. Apesar de estar entre os países do BRIC, seu futuro é cheio de variáveis. Com o seu sonho de reemergir como uma grande potência, a Rússia espera fortalecer o seu poder nacional e fazer jus à reputação de um grande poder de commodities.

Aspectos da Rússia antes da crise econômica global (Fonte: Banco Mundial/2006):

- Extensão 17.000.000km².
- População 140.000.000 habitantes.
- PIB US\$ 990 bilhões
- Crescimento anual 8,20%.

Como potencial a Rússia dispunha de:

- Maior produtor de gás.
- Localização privilegiada.
- Alto nível de escolaridade.
- Maior produtor de petróleo.
- Menor desigualdade de renda.

Como fraquezas são apontadas os seguintes fatores:

- Dirigismo econômico.
- Excesso de burocracia.
- Parque industrial obsoleto.

- Dependência de commodities.

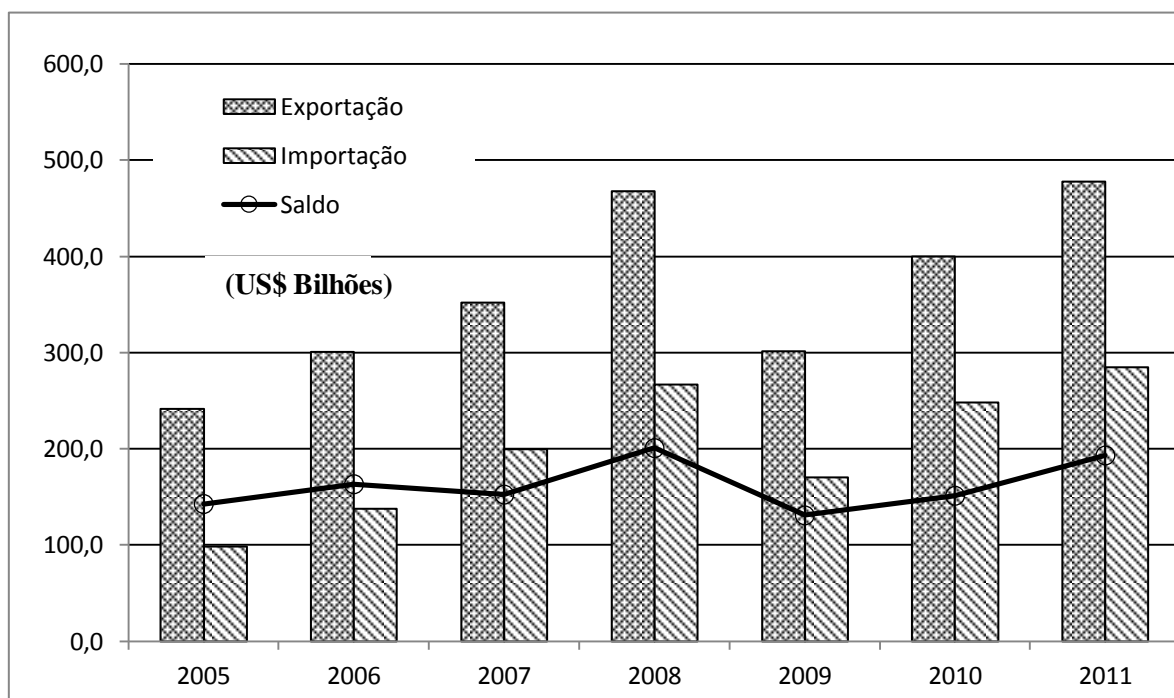
A Rússia foi o país dos BRIC que mais sofreu com a crise econômica mundial. Seu PIB, que vinha de um crescimento robusto e crescente de 2004 a 2008, de US\$ 591 bilhões para US\$ 1,6 trilhões, caiu, a partir de 2009, para US\$ 1,2 trilhões, e continuando menor em 2010 do que o alcançado em 2008. O saldo da balança comercial também caiu em 2009, retornando ao mesmo patamar de 2008 apenas em 2011.

A recuperação moderada que estava em andamento no final de 2013 foi interrompida pela turbulência relacionada aos acontecimentos na Ucrânia. Associados, aumento de incertezas e fuga de capitais estão pesando agora na confiança dos investidores. O crescimento do consumo enfraquecerá, retardando o crescimento da renda real e resultando na elevação da taxa de crédito ao consumidor. O aumento das receitas fiscais em rublo tornou-se crescente nas receitas do petróleo, com significativos reflexos na desvalorização do rublo, usado para apoiar a economia doméstica mais fraca. A prioridade a programas de despesas passaram a favorecer o crescimento, em particular programas de educação e pesquisa. O Banco Central da Rússia mantém seu cronograma de transição para o equilíbrio da inflação relacionado às mudanças e aos movimentos de moeda sem contudo criar uma expectativa inflacionária.

A Federação russa tem feito progressos na última década em melhorar a qualidade de vida dos seus cidadãos, apesar de menos do que a pontuação média em alguns tópicos no índice de vida mundial. Na Rússia, a média anual não ajustada da renda familiar per capita é de US\$ 17,230.00, um pouco inferior à média da The Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD)¹⁴. Há, porém, uma disparidade considerável entre os mais ricos e os mais pobres.

¹⁴ A **Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)** é uma organização internacional de 34 países que aceitam os princípios da democracia representativa e da economia de livre mercado, que procura fornecer uma plataforma para comparar políticas econômicas, solucionar problemas comuns e coordenar políticas domésticas e internacionais. A maioria dos membros da OCDE são economias com um elevado PIB per capita e Índice de Desenvolvimento Humano e são considerados países desenvolvidos, à exceção do México, Chile e Turquia.

Gráfico 5 - Balança comercial da Rússia.



Fonte: Country statistical profiles. Key tables from OECD (2013).

Em termos de emprego, em torno de 69% das pessoas com idades entre 15 a 64 anos na Rússia tem um trabalho pago, ligeiramente acima da média de emprego do OECD de 65%. Cerca de 74% dos homens estão em trabalho remunerado, em comparação com 65% das mulheres. As pessoas na Rússia trabalham 1.982 horas por ano, mais do que a média do OECD de 1.765 horas.

No tocante à educação, 94% dos adultos com idades entre 25 a 64 anos possui o equivalente a um diploma de ensino médio, muito maior do que a média do OECD de 75%. Comparando entre homens e mulheres, a conclusão com êxito é maior entre as mulheres. Quanto à qualidade do sistema educativo, os estudantes de curso médio tem se sobressaído no programa da OCDE para avaliação de estudante internacional (PISA).

Em termos de saúde, a expectativa de vida na Rússia é de 69 anos, que é uma década menor que média da OECD, de 80 anos. A expectativa de vida para as mulheres é de 75 anos, em comparação com 63 para homens. A qualidade do ar nas grandes cidades tem média de 14,5 microgramas por metro cúbico, inferior à média da OECD de 20,1 microgramas por metro cúbico. A qualidade da água utilizada não está adequada aos padrões das melhores cidades. Referindo-se às pesquisas de satisfação, é mostrado um índice de 44%, sendo menor que a média de 84% apresentada pela OECD.

Para a Rússia, os BRICS são um fórum em que ela pode, de maneira talvez mais eficaz e certamente mais positiva e menos arriscada, controlar mais de perto a eventual e temida possibilidade de os Estados Unidos e China se articularem para formar um G2, com mais distante que tal hipótese possa parecer atualmente. A associação com economias dinâmicas e que escaparam (ao contrário dela) quase ilesas da crise financeira global pode representar para a Rússia um estímulo para se afastar de seu declínio. Além disso, os BRICS constituem para ela um novo canal de diálogo, quase neutro e favorável, com os Estados Unidos, ainda sua maior preocupação em política externa. (SILVA, 2012)

4.3 China

Antes um império cheio de glória, que as chamas da guerra destruíram. Mas o povo chinês tinha ideais utópicos. A velha nação precisava de transformação para seu renascimento. Como um regime comunista fechado, seu crescimento econômico era tímido. A abertura para o mundo exterior foi o espírito progressivo que ajudou a China a deixar o espaço econômico pequeno que ocupava no cenário internacional e permitir que ela enfrentasse todos os desafios do processo de globalização, vindo a tornar-se uma das maiores potências econômicas da atualidade.

Aspectos da China antes da crise econômica global (Fonte: Banco Mundial/2006):

- Extensão 9.500.000km².
- População 1.300.000.000 habitantes.
- PIB US\$ 2.713 trilhões.
- Crescimento anual 12,70%.

Como potencial a China dispunha de:

- Maior mercado de trabalho.
- Terceiro maior exportador mundial.
- País que mais crescia no mundo.
- Taxa de poupança elevada.
- Baixa carga tributária.

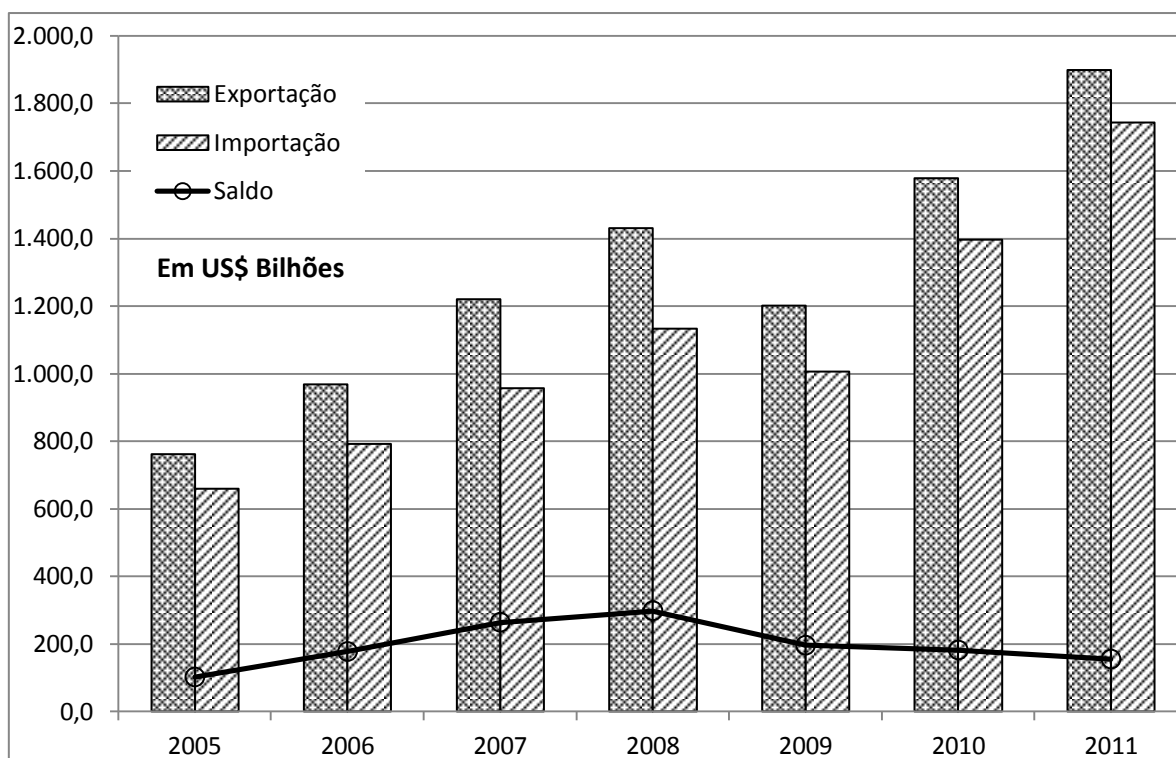
Como fraquezas são apontadas os seguintes fatores:

- Inflação em alta.
- Sistema bancário frágil.
- Desigualdades regionais.
- Recursos naturais limitados.

De 1999 a 2003, a China ainda apresentava um crescimento de PIB modesto, de US\$ 1,0 trilhão a US\$ 1,6 trilhões. Mas de 2004 a 2008, seu PIB mais que dobrou, passando de US\$ 1,9 trilhões para US\$ 4,5 trilhões. O saldo da balança comercial manteve-se em crescimento constante de 2005 a 2008, com o aumento vigoroso das exportações, seguido pelo das importações. Durante a crise, houve uma queda das exportações e importações, mais

precisamente em 2009, decrescendo o saldo da sua balança comercial a partir deste ano, apesar da recuperação do crescimento das exportações a partir de 2010.

Gráfico 6 - Balança comercial da China



Fonte: Country statistical profiles. Key tables from OECD (2013).

O crescimento econômico chinês desacelerou para 9,2% em 2011, após expansão de 10,3% do PIB no ano anterior. Essa dinâmica foi influenciada pelas medidas de aperto monetário tomadas pelo governo para conter o aumento da inflação ao consumidor ao longo de 2011. O índice de preços ao consumidor aumentou de forma contínua, nos primeiros sete meses do ano passado (Gráfico 10), ao passar de 4,6% para 6,5% – acima do nível tolerado pelo governo. Parcela expressiva da inflação decorreu do aumento de preço dos alimentos, cuja taxa de inflação elevou-se de 9,6% em janeiro de 2011 para 14,8%, ao final de julho daquele ano. De agosto em diante, a inflação passou a ceder, encerrando o ano passado em 4,1%.

Em resposta ao processo inflacionário, houve seis elevações da alíquota dos depósitos compulsórios, entre janeiro e junho, enquanto a taxa de juros foi elevada em três oportunidades, em 2011. A condução da política monetária foi uma das responsáveis pela desaceleração do ritmo de crescimento do comércio e da produção industrial no país, ainda que ambos indicadores sigam apresentando taxas de expansão elevadas para os padrões internacionais.

Com relação ao setor externo chinês, o saldo comercial recuou, mais uma vez, diante da menor demanda estrangeira resultante do cenário global mais restritivo. Essa foi a terceira queda consecutiva do saldo anual. Tal comportamento derivou do maior ritmo de expansão das importações no ano (24,9%), em relação às exportações (20,3%). Dentre os bens que compõem a pauta de importação chinesa, o crescimento foi mais intenso nos itens petróleo e derivados e minério de ferro.

Caiu o crescimento do PIB no início de 2014 com o investimento retardado em resposta às condições de crédito mais apertadas. Em particular, restrições ao desenvolvimento de hipoteca de empréstimo e terra continuam a limitar as vendas e investimentos imobiliários. Medidas para se livrarem do excesso de capacidade industrial trabalham na mesma direção. No entanto, os investimentos continuarão a ser suportados por uma maior ênfase nas necessidades de urbanização e a abertura dos setores anteriormente fora do alcance de investimento privado.

Para a China, os BRICS são uma fórmula conveniente e barata de se posicionar como líder mundial, exercer mais influência global e reduzir a dos EUA sem se expor ou correr riscos sozinho. É como uma grande empresa que às vezes prefere ver seus interesses defendidos por associações de classe, o que confere a eles mais legitimidade e não lhe oferece perigo, a fazer isso por conta própria. (SILVA, 2012)

4.4 Índia

Desde 2003, a Índia tem sido uma das economias que mais cresce no mundo. Em 2008, seu crescimento ficou abaixo apenas do da China. Em 2009, de acordo com o FMI, a Índia passou a ser, em termos de paridade do poder de compra, o quarto maior PIB, passando a ser considerado um país propulsor do crescimento mundial. Suas reformas econômicas foram direcionadas para uma economia mais aberta, abandonando a estrutura político-econômica arcaica e mais fechada. Atualmente, ela se destaca como uma grande potência emergente com alta concentração de recursos naturais e qualificação de mão-de-obra.

Aspectos da Índia antes da crise econômica global (Fonte: Banco Mundial/2006):

- Extensão 3.200.000km².
- População 1.000.000.000 habitantes.
- PIB US\$ 949 bilhões.
- Crescimento anual 9,30%.

Como potencial, a Índia dispunha de:

- Empresas globalizadas.
- Excelência tecnológica.

- Indústria farmacêutica avançada.
- Mão-de-obra alfabetizada em inglês.
- Segundo maior mercado de consumo.

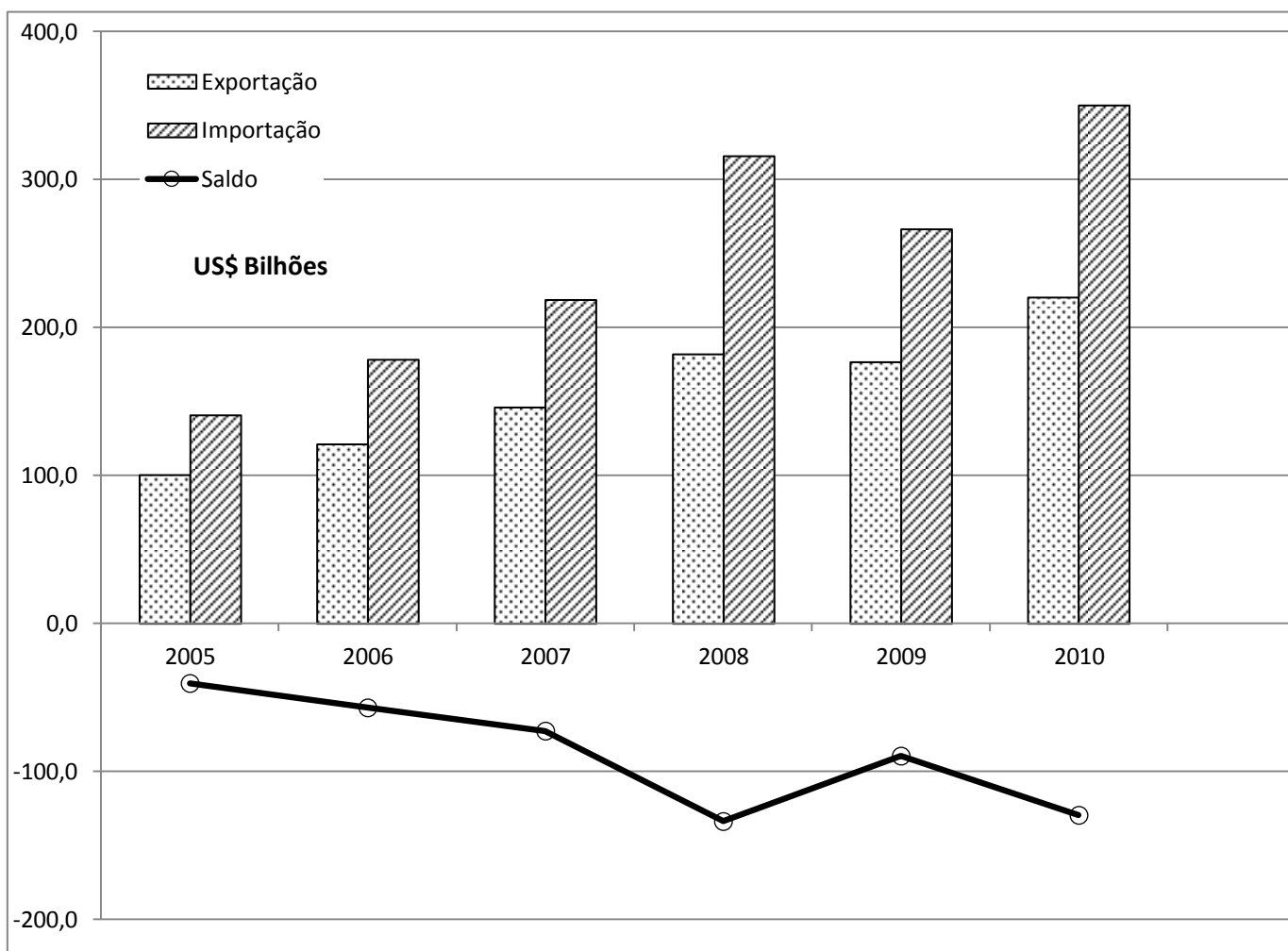
Como fraquezas, são apontadas os seguintes fatores:

- Pobreza extrema.
- Infraestrutura caótica.
- Descontrole demográfico.
- Alto índice de analfabetismo.
- Reformas econômicas incompletas.

A Índia possui uma das economias de crescimento mais acelerado em todo mundo e o décimo maior PIB nominal. A taxa média anual de crescimento da Índia alcançou 8,5% de 2005 a 2010, apesar de ter desacelerado para 6,1% no último trimestre de 2011. Esse crescimento, combinado a uma população grande, uma democracia vibrante e uma política exterior bastante ativa, fez com que sua influência aumentasse regional e globalmente. A Índia incrementou rapidamente o seu orçamento para assistência estrangeira, e a assistência total cresceu de um valor estimado em US\$ 443 milhões em 2004 para US\$ 680 milhões em 2010. Entretanto, a saúde global não tem sido um foco importante, já que o governo tem priorizado esforços para enfrentar desafios internos na área de saúde. Ao mesmo tempo, a indústria farmacêutica da Índia continua a ter enorme influência global, e o país lançou um fundo para inovação no valor de US\$ 1 bilhão para estimular mais P&D em problemas que afligem os países em desenvolvimento.

O PIB da Índia evoluiu de US\$ 721 bilhões para US\$ 1,2 trilhão, de 2004 a 2008, continuando a crescer durante a crise e nos anos posteriores, chegando a US\$ 1,8 trilhão em 2013. As exportações sempre menores que as importações apresentam um quadro negativo crescente do saldo da balança comercial.

Gráfico 7 - Balança comercial da Índia.



Fonte: Country statistical profiles. Key tables from OECD (2013).

Apesar do crescimento acelerado, atualmente, a Índia ainda enfrenta sérios problemas como baixa produtividade da mão-de-obra no setor agrícola, disparidades regionais e corrupções prejudiciais aos investimentos públicos em setores da infraestrutura e da educação.

A inflação na Índia tem sido uma questão prioritária para o governo e, como solução, o Banco Central, numa expectativa futurística, tem elevado as taxas de juros para a contenção dos aumentos dos preços ao consumidor.

Para a Índia, o agrupamento é um fórum de legitimação para muitas de suas demandas multilaterais e de clara distinção positiva em relação ao Paquistão, seu maior adversário regional e principal ameaça em termos de segurança nacional. Os BRICS podem ainda se tornar para a Índia um ambiente propício para a resolução de diversas pendências territoriais graves que tem com a China. (SILVA, 2012)

4.5 A incorporação da África do Sul

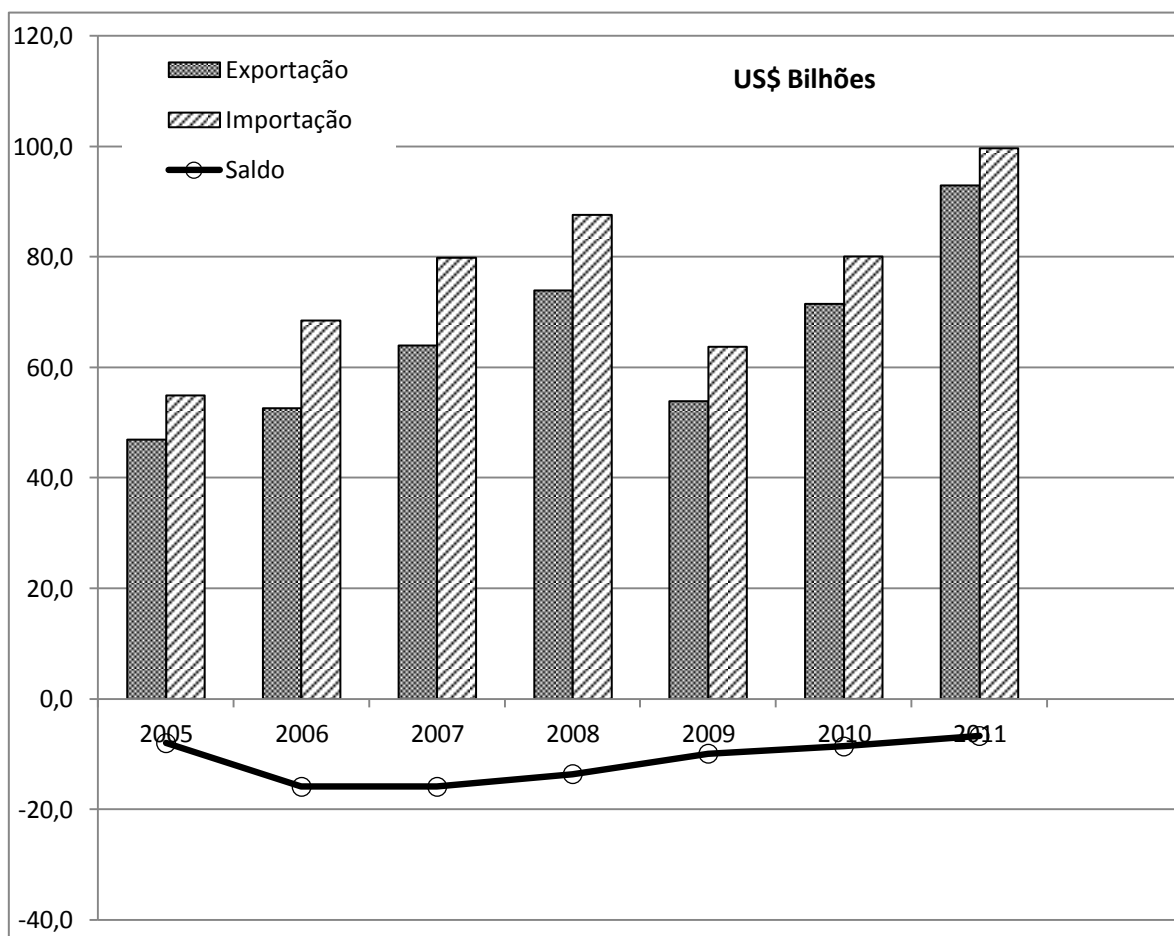
Até a I Guerra Mundial, a economia sul-africana baseou-se na mineração (diamantes e ouro) e na agricultura. A partir da II Guerra Mundial, a indústria entrou em um processo acelerado de desenvolvimento e hoje constitui um dos setores básicos da economia.

Como membro recém-chegado à composição dos BRICS, a África do Sul ganhou um assento na principal mesa dos países emergentes. Representando o continente africano, este país passou a compor o grupo que por sua heterogeneidade e divergências de interesses acresceu algumas disputas dentro das antigas rivalidades. Além das dificuldades ideológicas existentes desde meio século atrás entre China e Rússia, guerras de fronteiras entre a China e a Índia, agora entra a África do Sul que tem uma disputa comercial com o Brasil, acusando-o de dumping¹⁵ na venda de aves. É preciso que tais alianças dentro do grupo BRICS gerem condições necessárias a superação das tradicionais hostilidades. No campo econômico, no que se refere aos investimentos estrangeiros diretos, há uma disputa de todas as partes para a obtenção das oportunidades de negócios e principalmente do acesso a matérias primas.

A África do Sul é o país mais rico da África, com cerca de 18% do PIB total do continente e 45% da produção de minérios. Sua atividade industrial é a mais importante da África, porém, tem uma acentuada desigualdade social.

¹⁵ **Dumping** é uma prática comercial que consiste em uma ou mais empresas de um país vender seus produtos, mercadorias ou serviços por preços extraordinariamente abaixo de seu valor justo para outro país (preço que geralmente se considera menor do que se cobra pelo produto dentro do país exportador), por um tempo, visando prejudicar e eliminar os fabricantes de produtos similares concorrentes no local, passando então a dominar o mercado e impondo preços altos.

Gráfico 2 - Balança comercial da África do Sul.



Fonte: Country statistical profiles. Key tables from OECD (2013).

O país tem os setores financeiro, de energia, de comunicações e de transportes bem desenvolvidos. Em 2010, o setor de serviços representou 65,3% do PIB. A indústria representou 26,0% (incluindo mineração) e a agricultura, 2,6%. A bolsa de valores de **Johannesburg** é a 17ª maior do mundo.

A África do Sul possui recursos naturais em abundância. É a maior produtora mundial de ouro, platina, cromo, vanádio e manganês. É, também, grande produtora de diamante, carvão, níquel, urânio e gás natural. No ano 2000, a platina ultrapassou o ouro como a maior fonte de renda do país.

A taxa de desemprego, de 21,7% em 2010, é uma das maiores do mundo. Até o ano 2000, metade da população vivia abaixo da linha de pobreza.

Para a África do Sul, os BRICS representam uma promoção além do merecido. Em todos os critérios que qualificam uma economia emergente a participar dos BRICS (população, área, comércio, PIB), a África do Sul pontua abaixo até mesmo de um grupo intermediário de países mais qualificados, que inclui México, Indonésia, Coreia do Sul e Turquia.

CONCLUSÃO

No auge dos efeitos da crise financeira global, iniciada em 2007 e 2009, muitos acreditaram num novo arranjo internacional de forças econômicas, em que países emergentes estariam incluídos com papel de destaque, o que poderia ser o embrião de uma nova ordem efetiva.

O BRICS representa mais de um terço da população do planeta e mais de um quinto de sua superfície terrestre, além de contar com enormes estoques de recursos naturais valiosíssimos e metade das reservas financeiras do mundo. Qualquer decisão política ou econômica que os países membros, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, tomem em conjunto terá necessariamente um grande peso nas discussões internacionais.

A grande questão é saber se eles têm suficiente coesão entre si para chegar a alguma posição sobre temas relevantes uma vez que os desacordos políticos e os interesses econômicos são distintos. Em alguns itens fundamentais da agenda mundial, como ambiente, democracia, energia, há um distanciamento entre os membros do BRICS. Um dos poucos temas que mais aproximou os líderes dos BRICS em suas cúpulas foi o da redução da dependência do dólar americano como moeda de referência mundial. No entanto, a realidade material impede uma ação comum.

O que vem ocorrendo de fato é um aumento expressivo do comércio entre as cinco nações, podendo acontecer no futuro algum tipo de acordo de livre-comércio entre si. Outra possibilidade é a troca de experiências e articulações para ações em conjunto de combate a pobreza, já que todos os cinco países enfrentam esse problema. Um acordo inicial entre os bancos nacionais de desenvolvimento foi assinado em 2010 com o intuito de fomentar projetos do bloco ou de países mais pobres.

O bloco não é de modo algum irrelevante, constitui uma voz importante em alguns temas específicos e traz vantagens políticas a seus membros. Eles têm contribuído na manutenção da liquidez internacional, ao usar suas vastas reservas para comprar valores mobiliários de outros países.

Os BRICS, de meros coadjuvantes, países-baleias pouco explorados pelas grandes potências econômicas dentro de uma lógica de correlação de forças destroçadas pela crise de 2008, estão se transformando em um fórum que poderá vir a ter uma significação mais efetiva, redesenhando as estruturas de governança numa nova ordem global.

As observações apresentadas deixam claro que a crise internacional não podia ser superada sem a participação dos países BRICS, evidenciando a importância inerente ao agrupamento, tanto no âmbito de suas economias quanto da natureza de sua ação política. Nesse sentido, a relação entre a crise financeira e os BRICS não deixou de ser um revelador fundamental da ordem internacional contemporânea e do lugar destes países dentro dela. Esse lugar, porém, não é homogêneo, nem desprovido de contradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel; CARDOSO Gustavo e CARAÇA, João. A crise e seus efeitos: as culturas econômicas da mudança. São Paulo. Paz e Terra, 3013 1 ed.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Fiscal monitor – Addressing fiscal challenges to reduce economic risks.

JAMES, Harold. International Monetary Cooperation since Bretton Woods. June 15, 1996. 742pág.

O'NEILL, Terence James "Jim". **O Brasil está no jogo**. Entrevista. Revista Veja. Ed 2004; p11; 14Mar2007.

SAUVANT, Karl P. New sources of FDI: The BRICS. Outward FDI from Brazil, Russia, India and China. **The Journal of world investment & trade**, p. 339 – 709, 2005.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. BRICS: **De acrônimo esperto a fórum influente**. O Brasil, os BRICS e a agenda internacional. Brasília. Fundação Alexandre Gusmão. p.105. 2012. Disponível em: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=brics:+de+acr%C3%B4nimo+esperto+a+f%C3%B3rum+influente. Acesso em: 09Jun14.

OECD. **Secretary- General's report to ministers**. 2014. Disponível em: <https://www.oecd.org/.../secretary-general/SG-Annual-Report>. Acesso em: 12Jun14.

BRICS – SimFG. **Brics e suas diretrizes mundiais**. – O contexto geopolítico dos BRICS. Guia de estudos informativos. Disponível em: http://simfg.weebly.com/uploads/1/0/0/5/10056149/guia_de_estudos_brics.pdf. Acesso em: 09Jun14.

BRASIL. IPEA. **Cúpula BRIC de Think Tank: O papel dos BRIC na transformação global no pós-crise**. Brasília, 15Abr2010. Disponível em: www.ipea.gov.br/bric/noticias.html. Acesso em: 12Jun14.

BRASIL. IPEA. **Os BRICS na OMC: Políticas comerciais comparadas de Brasil, Rússia, Índia, China e Africa do Sul**. Brasília, 2012. Disponível em: www.ipea.gov.br/bric/noticias.html. Acesso em 02 Jun14.

BRASIL. INESC. Os BRICS e a Participação Social sob a Perspectiva de Organizações da Sociedade Civil. Brasília. Agosto 2013. Disponível em: www.inesc.org.br/biblioteca/noticias/biblioteca/textos/livros/brics-2013/. Acesso em 05Jun14.